

GRANTA

EM LÍNGUA PORTUGUESA • NÚMERO 9

Rússia



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

GRANTA

REVISTA SEMESTRAL

EDITORA: Bárbara Bulhosa
DIRECTORES: Pedro Mexia e Gustavo Pacheco
DIRECTOR DE IMAGEM: Daniel Blaufuks
ASSISTENTE EDITORIAL: Madalena Alfaia
PAGINAÇÃO: Pedro Serpa
ASSINATURAS: Rute Dias
PUBLICIDADE: Sofia Santos

© Elif Batuman, Camila Chaves, Hélia Correia,
Clara Drummond, Orlando Figes,
Reginaldo Pujol Filho, Masha Gessen, Ana Matoso, Pepetela,
José Pacheco Pereira, António Pescada, André Sant'Anna, Colin Thubron,
Tatiana Tolstaya, Amor Towles, Ludmila Ulitskaya

© ensaios fotográficos: Mauro Restiffe, Mariana Viegas
© capa: Mariana Viegas

Publicado sob licença de Granta Publications,
12 Addison Avenue, London W11 4QR
© 2022, Granta Publications
© Julho de 2022, Edições tinta-da-china

ISSN 2182-9136
ISBN 978-989-671-683-7
Depósito legal: 374466/14

1.ª edição: Julho de 2022

granta@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt/granta

Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, piso 1, escritório 10
1750-149 Lisboa
Têls. (00351) 21 726 90 28/9

N I M P R E N S A
N A C I O N A L imprensa nacional.pt
loja.inom.pt

OLHARES

A coleção **Olhares**, que a **Imprensa Nacional** dedica ao género Ensaio, acolhe quatro novos títulos. **Mocidade Portuguesa**, de Jorge Calado, é uma viagem no tempo, física e mental, ao longo de trinta anos, ballzada por livros, bichos, filmes e óperas, sem respeitar as unidades aristotélicas de espaço, tempo e ação. **João de Gante - O Avô Inglês da Inclita Geração**, de Mário Bruno Pastor, revela a complexa personalidade de João de Gante, distinguindo a sua estatura ficcional da sua estatura histórica e as ligações que o unem à História de Portugal. **Antonio Tabucchi e as Geometrias da Ficção**, de Anna Dolfi, celebra a obra de um dos mais significativos escritores europeus do século XX, por ocasião dos 10 anos do seu desaparecimento. **Rebeliões, Revoltas e Revoluções**, que reúne textos de vários autores, evoca, numa perspetiva comparada e crítica, vários movimentos que alteraram o rumo da História.





rascunho.com.br



rascunho
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

literatura inspira de várias FORMAS

ASSINE

R\$ 9^{,00}
MENSAIS / DIGITAL

R\$ 14^{,00}
MENSAIS / DIGITAL + IMPRESSO

R\$ 139^{,00}
ANUAIS / DIGITAL + IMPRESSO

Ilustração: Mariana Tavares

Ilustração: Eduardo Muzzi

ÍNDICE

7	Apresentação <i>Pedro Mexia</i>	179	A minha avó, a censora <i>Masha Gessen</i>
11	Apresentação <i>Gustavo Pacheco</i>	199	Incêndio na estepe <i>PePETela</i>
15	A história da Rússia <i>André Sant'Anna</i>	207	Diário russo, azeri, georgiano e ucraniano <i>José Pacheco Pereira</i>
25	O enterro das ossadas <i>Orlando Figes</i>	227	Renúncia <i>Clara Drummond</i>
45	O quadrado <i>Tatiana Tolstaya</i>	239	Aleksandr Púchkin, um poeta célebre e desconhecido <i>Antônio Pescada</i>
55	Boneca russa <i>Camila Chaves</i>	247	Quem matou Tolstói? <i>Elif Batuman</i>
63	Rússia em dois tempos <i>Mauro Restifé</i>	261	A posse <i>Hélia Correia</i>
77	A fila <i>Amor Towles</i>	269	Tofolaria <i>Mariana Viegas</i>
115	O século de Nadejda Mandelstam <i>Ana Matoso</i>	281	Sibéria <i>Colin Thubron</i>
131	A pobre, feliz Kolivánova <i>Ludmila Ulitskaya</i>	313	Autores
153	Rezarei bastante para que ela volte viva <i>Reginaldo Pujol Filho</i>		

PLURAL

A **Plural** é uma coleção da **Imprensa Nacional** dedicada inteiramente à poesia e aos poetas do grande universo da língua portuguesa – espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade. Os mais recentes títulos publicados na coleção são: **Overdrive. Poesia [07.21]**, de Alexandre Sarrazola, **Muitas Vozes Toda a Poesia, 1950–2010**, de Ferreira Gullar, **Guardar a Cidade e os Livros Porventura**, de António Cícero, e **Toda Poesia**, de Paulo Leminsky.



Apresentação

Pedro Mexia

Jaime Batalha Reis, representante da nossa jovem República na Legação de Petrogrado, deu voz ao seguinte lamento, num relatório redigido em Agosto de 1918 e enviado ao ministro dos Negócios Estrangeiros: «[...] se nós [os ocidentais] nos queixávamos de haver-mos sido abandonados pela Rússia, os russos queixavam-se de haverem sido abandonados por nós, pelos seus aliados, que deveriam saber a História da Rússia, conhecer a psicologia do povo russo, não o deixando sem direcção, sem guia, sem apoio, no meio de uma tão pavorosa crise.» Um lamento extensível aos diplomatas ocidentais, que estavam também sem apoio, guia ou direcção, e sem instruções das suas capitais, pois não havia ligações terrestres desde o início da Grande Guerra.

Batalha Reis, o amigo de Eça de Queirós, o homem culto e de ideias «avançadas» que nas proibidas Conferências do Casino tinha proposto o «Socialismo» como tema, fora enviado à Rússia em 1912 para a celebração dos trezentos anos da dinastia Romanov; mas acabou por ficar mais tempo do que previsto, e testemunhou, impotente e assustado, a Guerra e as duas revoluções de 1917, o combate de facções, a desordem e a violência, o Tratado de Brest-Litovsk, o confronto entre a Rússia branca e a vermelha. Os seus textos, reeditados no centenário da revolução, trazem-nos de volta todos aqueles russos exaltados e aqueles ocidentais atónitos, e acentuam a ideia de que

russos e ocidentais não conhecem a mentalidade e a História uns dos outros.

★

Tínhamos escolhido para este número da *Granta* o tema «Rússia» antes de começar a invasão da Ucrânia. O que fazer perante um acontecimento tão grave e intolerável? O pior seria cancelar, para usar um termo que infelizmente veio para ficar. A Rússia não se confunde com os regimes que tem em cada momento, ainda que as tentações imperiais e despóticas venham de longa data. Mas não vamos «cancelar» a Rússia, ao jeito dos pobres de espírito que interditam os romancistas, compositores e cineastas russos, ou até, quem sabe, as bonecas russas e a salada russa.

Como se verá, os textos desta edição têm muitíssimo presente o último século, o czarismo, a revolução, o estalinismo, o fim da URSS, a decepção oligárquico-autoritária, mas também escolhem como objecto os extraordinários escritores de Oitocentos, a nação-continente, as missões espaciais ou as vanguardas artísticas.

O historiador Orlando Figes, que publicou nomeadamente *A Tragédia de Um Povo*, entrevista anónimos e quase anónimos sobre a trasladação das ossadas dos últimos Romanov, perguntando-se se a História, na Rússia, poderá ser uma forma de «verdade e reconciliação», ou se está condenada à nostalgia e ao rancor. Ana Matoso revisita um dos mais admiráveis retratos do totalitarismo, as memórias da mulher do grande poeta Mandelstam, caído em desgraça por causa de um epigrama satírico sobre Estaline, e cuja obra a viúva escondeu, memorizou, transmitiu e divulgou, exemplo de coragem e dignidade num país onde «a poesia é uma coisa séria». De origem russa, Masha Gessen evoca as suas avós, uma «colaboracionista» com o regime estalinista, outra «resistente», mostrando as ambiguidades da resistência e do colaboracionismo, e lembrando que «todos temos avós», como na canção dos anos 80 se dizia «*I hope the Russians love their children too*». O diário russo, azeri, georgiano e ucraniano de José

Pacheco Pereira reúne textos escritos ao longo dos anos, diagnósticos *in loco* sobre a tragédia pós-soviética que se seguiu à tragédia soviética: um nacionalismo autocrático acrescido de um sentimento de humilhação que teve como consequência, entre outras, a «questão ucraniana», porque a História russa se faz sempre «para o lado de cá». E no vasto espaço siberiano Colin Thubron descobre que ainda existe uma «santa Rússia», sobrevivente a décadas de ateísmo oficial, e uma visão «científica» do mundo, formas de suportar fracassos e ilusões.

Quanto à literatura, um dos principais tradutores portugueses dos clássicos russos, António Pescada, procura explicar porque conhecemos bem o Púchkin prosador mas não o Púchkin poeta, cujo génio linguístico talvez fique *lost in translation*. Elif Batuman, autora de um recomendável ensaio sobre as «aventuras com livros russos e as pessoas que os lêem», visita um congresso de especialistas em Tolstói, todos com as suas teses e fetiches, e põe a hipótese, meio faceta, de que o mestre tenha sido assassinado, ou não fossem os seus últimos anos um teatro de disputas conjugais e confrontos entre devotos. Já a ficção de Hélia Correia é não sobre Tolstói, mas sobre uma das suas ficções, Anna Karénina, num monólogo em que a «Bovary russa», adúltera e suicida, se queixa de ter sido inventada sem amor nem entusiasmo, e de ainda assim sobreviver aos séculos. É disso afinal que nos fala este número da *Granta*: de como na Rússia o melhor e o pior sobrevivem à passagem do tempo.



FITA MAGAZINE
star portraits

friends in the arts

friendsinthearts.net
Elena Njoabuzia Onwochei-Garcia
Unknown Girl, Un Mestizo (2020)

Apresentação

Gustavo Pacheco

Para Varlam Chalámov, como para tantos outros autores russos, a literatura era uma questão de vida ou morte. Literalmente. Em 1943, ele era um dos vários jornalistas e escritores que cumpriam pena por «atividades contrarrevolucionárias» num campo de prisioneiros em Kolimá, uma das regiões mais frias e inóspitas da Sibéria. A pena era de cinco anos, e estava quase terminando; até que outro prisioneiro o delatou por ter feito comentários subversivos, e Chalámov foi condenado a mais dez anos de prisão. Os comentários subversivos eram elogios ao escritor Ivan Búnin, Prêmio Nobel de Literatura de 1933 e desafeto de Stálin.

★

«Só em nosso país se respeita a poesia. Matam pessoas por causa dela.» A frase, atribuída ao poeta Óssip Mandelstam, poderia ser uma resposta, tão boa quanto qualquer outra, para a pergunta: por que Rússia?

O tema desta edição já havia sido escolhido, e quase todos os textos já haviam sido entregues, quando a Rússia invadiu a Ucrânia em fevereiro. Um capítulo sangrento numa história cheia de capítulos sangrentos; a história do mesmo país que deu à humanidade muitas das mais belas e poderosas obras de arte já criadas. É esse legado, que

resistiu e resistirá a tantas guerras e a tantos líderes autoritários, que dá sentido a esta edição.

A melhor representação desse legado, e também a prova de que ele continua ativo e em expansão, são duas das maiores escritoras russas vivas, inexplicavelmente pouco conhecidas pelos leitores lusófonos: Tatiana Tolstaya e Ludmila Ulitskaya. Seja no brilhante ensaio sobre o pintor Kazimir Maliévitch da primeira, seja no antológico conto da segunda, fica claro que a Rússia ainda tem muito a nos dar.

E aquilo que a Rússia nos deu e continuará nos dando não vem apenas dos russos, é claro, mas também dos muitos criadores de outras terras que nela se inspiraram, como mostram a fábula lírica e estranha criada por Amor Towles e os textos escritos especialmente para esta edição por André Sant'Anna, Pepetela, Camila Chaves, Clara Drummond e Reginaldo Pujol Filho. Da cadela Laika às matrioskas, do czar Nicolau II a Vladimir Putin, das estepes em brasa à Moscou dos oligarcas contemporâneos, aqui há Rússias para todos os gostos e apetites.

★

Não há dados oficiais sobre o número de mortos desde que a Ucrânia foi invadida em 24 de fevereiro deste ano. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos estima que morreram mais de quatro mil civis, os ucranianos dizem que perderam mais de dez mil combatentes, os russos não divulgam cifras mas é provável que o número de soldados mortos seja pelo menos equivalente às baixas ucranianas, senão maior.

Contudo, há dados oficiais sobre os mortos por coronavírus no Brasil, esse estranho país onde a pandemia acabou, mas continua morrendo gente, muita gente: desde 24 de fevereiro, morreram mais 21 mil pessoas. Enquanto escrevo esta apresentação, mais de dois anos depois do começo da pandemia, a média móvel de mortes diárias no Brasil continua acima de cem.

★

Em «O trem», um dos mais belos e mais autobiográficos contos de Varlam Chalámov, um prisioneiro libertado narra o que passa por sua cabeça ao embarcar no trem que o levará de volta para Moscou, depois de quase duas décadas nos campos de trabalho de Kolimá:

Assustei-me com a tremenda força do homem, com o desejo e a capacidade de esquecer. Vi que estava pronto para esquecer tudo, apagar vinte anos de minha vida. E que anos! E, quando eu entendi isso, venci a batalha comigo mesmo. Soube que não permitiria à minha memória esquecer tudo que eu tinha visto. E então me acalmei e adormeci.

ASSINE A PIAUÍ EXCLUSIVAMENTE DIGITAL.

É CONTEÚDO QUE NÃO ACABA MAIS

Apenas

R\$ **7,90***

no primeiro mês



Acesso ilimitado ao site, ao aplicativo
com o conteúdo da revista e ao acervo.

revistapiaui.com.br

*Demais mensalidades R\$ 20,90

piauí DONA DO
SEU PRÓPRIO
NARIZ

A HISTÓRIA DA RÚSSIA

André Sant'Anna

Antigamente, há uns cinquenta anos, na televisão, em preto e branco, nesses filmes que passavam de madrugada, na tela meio distorcida, com chuvisco, no último canal que saía do ar, de madrugada, entre os três canais que havia na televisão, em preto e branco, sempre apareciam uns russos. Eles eram maus. Os russos e os alemães. Naquela época, russos e alemães eram tudo a mesma coisa, já que era tudo louro, era tudo com aquela cara de russos e alemães, cara de mau, cara de quem não tem nenhum sentimento bom no coração. Os russos, na televisão, não tinham alma, igual aos nazistas, os peixes e o Partido Comunista Chinês. Na televisão, em preto e branco.

Quando eu era o George Harrison, há uns cinquenta anos, tocando guitarra na raquete de tênis do meu avô, na frente do espelho, cantando Help, num inglês que eu inventei, os americanos eram os caras mais bacanas que apareciam na televisão cheia de chuvisco e, além de ser George Harrison, eu era também tenentes da cavalaria americana, pilotos da força aérea americana, astronautas da agência espacial americana, além de Capitão América, comandantes de submarinos militares americanos, diversos cowboys americanos e, principalmente, agentes secretos americanos de filmes em preto e branco, americanos, que passavam no início da madrugada, nos quais sempre apareciam uns russos, louros, gelados por dentro, iguais

aos peixes, antes que a televisão saísse do ar, de madrugada, e só me restasse ficar lá, em Liverpool, na frente dos chuveiros da televisão, pensando em americanos bacanas, um pequeno George Harrison, agente secreto, que não tinha a menor ideia do que era a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a ditadura do proletariado.

Há cinquenta anos, quando eu era James Bond e George Harrison, e não sabia a diferença entre ingleses e americanos, e não sabia que a Rússia havia se tornado União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e o James Bond e o George Harrison, para aquela criança beatle, eram americanos também, em Belo Horizonte, onde eu namorava a Ursula Andress, em preto e branco, saindo do mar, lindona, eu já ouvia umas conversas, em umas rodas de gente barbuda e cabeluda e maconheira, onde se falava em socialismo, comunistas e no Presidente Médici, um tricampeão do mundo, que, juntamente com a Família Brasileira, o banco do Magalhães Pinto e os homens de bem torturadores de mulheres grávidas, fazia a sua parte na missão patriótica de acabar, por bem ou por mal, com a ameaça comunista.

Embora George Harrison começasse a desenvolver certa simpatia pelos comunistas, hippies coloridos, amigos dos pais dele meio comunistas, meio hippies, James Bond era uma criança convicta de que o lado certo do pessoal da televisão era o do Rin-tin-tin, o da Ursula Andress, o do Neil Armstrong, o do Capitão América. E o lado errado era o daqueles que o pequeno Bond — James Bond, o Sean Connery em preto e branco, na televisão de cinquenta anos atrás — não sabia ao certo se eram alemães, peixes ou russos. Já viu um peixe macho devorando os próprios filhos, assim que saem da barriga da mãe, sem nenhum sentimento, nenhum amor no coração, igual aos russos, igual aos comunistas que comiam crianças vivas, como informou um professor bolsonarista do George Harrison, em 1976, numa escola pública estadual de uma cidade pequena filha da puta, onde um professor de História, também bolsonarista, garantiu que o Homem nunca tinha chegado à Lua, que tudo aquilo era truque de televisão? Mas eu sabia que o Homem havia chegado à Lua,

sim, porque George Harrison era Neil Armstrong, porque eu era americano.

George Harrison só veio a saber da existência de um país chamado União das Repúblicas Socialistas Soviéticas num documentário da televisão em preto e branco, com muito chuveiro, a imagem toda borrada, há uns cinquenta anos, que mostrava o Garrincha, na Copa do Mundo de 1958. Foi quando James Bond finalmente descobriu quem eram seus verdadeiros inimigos, na camisa vermelha, em preto e branco, dos caras louros, gelados por dentro, sem o menor jogo de cintura, iguais ao Partido Comunista Chinês, só que louros que nem os alemães dos filmes de guerra na televisão em preto e branco, onde a criança recém-alfabetizada de Liverpool percebeu, na camisa vermelha dos comunistas, na televisão em preto e branco, em Belo Horizonte, o agrupamento de letras: CCCP.

Foi meu avô quem explicou, para George Harrison, que, em russo, CCCP significa URSS — União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Meu avô Sant'Anna, que trabalhava no Ministério da Economia do governo brasileiro e viajava muito pelo mundo com a minha avó, uma lacerdista anticomunista que gostava de visitar a URSS, por causa da vodka, que era a única bebida alcoólica que ela, a avó Harrison, gostava, além do champagne que a família Harrison bebia sempre que o Fluminense ganhava um campeonato, como em dezembro de 1964, poucos dias depois do nascimento de George Harrison, em Belo Horizonte, quando o herói do jogo final do campeonato carioca, contra o Bangu, foi o goleiro Castilho, que só tinha nove dedos nas mãos, igual eu, que ainda não era nem agente secreto, nem guitarrista, quando nasci, e nasci com quatro dedos na mão esquerda, foi quem explicou, para mim, o que era a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a Rússia, os czares, Lênin, Stálin, Trótski e até mesmo Dostoiévski, que não era o goleiro polonês do time de futebol de botão do meu primo, e sim o grande romancista russo, quando meu avô, depois de uma viagem à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, trouxe para mim uma balalaica russa, instrumento musical que substituiu a raquete de tênis do meu avô

de Liverpool e no qual George Harrison comecei a tocar guitarra, juntamente com a minha irmã, Paul McCartney.

Na Rússia, no começo do século XX, quando ainda não havia televisão, nem mesmo em preto e branco, o povo russo, entoando cânticos dolorosíssimos, foi pedir pão ao czar. E o que fez o soberano czar, cuja principal razão de existir, cujo principal dever, enquanto encarnação de Deus no trono da Rússia ortodoxa, seria justamente garantir prosperidade e felicidade àquela gente faminta diante do castelo encantado de Walt Disney, na Rússia? O czar Nicolau II, que até tinha um rosto assim, razoavelmente simpático, com aquela barba e aquele bigode todo trabalhado, olhos azuis profundos que até pareciam transmitir algum bom sentimento diretamente de seu majestoso coração, ordenou aos cossacos, seus soldados gelados por dentro, semelhantes aos SA nazistas, uns caras todos peludos, de bigode, disparassem suas armas contra o humilíssimo povo russo e, daí, acontecessem uns setenta e poucos anos de socialismo real, como vingança pelos homens, mulheres e crianças absolutamente inocentes, gente faminta esguichando sangue nas escadarias de Odessa, no filme do Eisenstein, aquele cineasta russo. Comunista, que revolucionou a montagem cinematográfica, em o *Encouraçado Potemkin*, onde há aquela cena desesperadamente comovente da mãe implorando pela vida do filho, ajoelhada aos pés de um cossaco peludo e a cena onde os marujos do encouraçado Potemkin se rebelam contra o czar de coração gelado, que transmitia aquela equivocada bondade de sentimentos, através de profundos olhos azuis.

Morreu mal o Nicolau, último dos czares russos. Pobre família Romanov! Em toda a cidade russa de Ecatimburgo, e redondezas, o eco da chacina reverberou na madrugada sem televisão. Os bolcheviques foram entrando no pequeno sótão da Casa Ipatiev, peludos e comunistas, sem coração, daqueles que devoravam crianças vivas, liderados por Yakov Yurovski, que leu tudo o que escreveu Karl Marx, um judeu alemão revoltado com as péssimas condições do trabalho quase escravo exercido pelo proletariado daquela época, crianças minúsculas e inocentes trabalhando para o enriquecimento

infinito da burguesia selvagem nascente na Europa, crianças escravas do capital, da mais-valia infantil, depauperando-se nos matadouros e minas de carvão. Totalmente comunistas de esquerda, os justos e peludos bolcheviques, exercendo sua violência revolucionária e recalcada, fizeram com os Romanov — Nicolau II; sua esposa Alexandra; e os cinco filhos do casal, Olga, Tatiana, Maria, Anastásia e Alexei — o mesmo que os cossacos de bigode fizeram com homens, mulheres e crianças pobres, morrendo de fome, no filme do Eisenstein, por causa da revoltante distribuição de renda na Rússia czarista. O modo como se tratava as crianças de baixíssimo poder aquisitivo nos matadouros ensanguentados e nas minas de carvão altamente insalubres era revoltante mesmo! Então, para definitivamente libertar o povo russo da tirania aristocrática do czar e da exploração desumana realizada pelos donos dos meios de produção, os bolcheviques socialmente justos exterminaram toda a família, homens, mulheres e crianças, czar, príncipes e princesas, em 18 de julho de 1918, deixando restar apenas o rastro de sangue da princesinha Anastácia, os fragmentos de crânio da Alexandra, mulher do czar, e pequenos pedacinhos do cérebro do Nicolau por entre os buracos no papel de parede. Estava nascendo a primeira das repúblicas socialistas soviéticas, enterrados na vala comum os últimos representantes de uma família que governou as rússias por mais de trezentos anos.

No início, era o entusiasmo revolucionário, a grande luz da utopia visível no horizonte, no fim do túnel. Aqueles bigodes e carecas e cavanhaques emergindo das massas oprimidas, aquele busto do Lênin à venda nos mercados de pulga da Europa, juntamente com os pedaços originais falsos do Muro de Berlim, os oclinhos do Trótski, que dava a ele aquele ar de professor sábio e bondoso, no México, com o Rivera e a Frida Kahlo, naquela foto do livro de História do George Harrison, quando eu estudava naquela escola dos padres da Teologia da Libertação, de esquerda, onde ele, o beatle, tinha um professor de História, de esquerda, que se dizia maoísta, que falava da Revolução Cultural, revolução na qual professores de História eram

Stella do Patrocínio e a loucura no Brasil

Uma mulher negra e pobre internada à força por trinta anos em um hospício no Rio. Uma poeta que não era poeta, cujas palavras reverberam até hoje.

A história de Stella do Patrocínio é a história de milhares de vítimas encarceradas nos manicômios do país.

Nos 134 anos da Abolição e no mês da luta antimanicomial, o 451 MHz homenageia a voz de Stella do Patrocínio com um episódio especial narrativo com roteiro e apresentação de Paula Carvalho e participação de grandes nomes da poesia, da literatura e da psiquiatria. No seu tocador de podcasts ou na playlist da coleção **Narradores do Brasil**:



Realização

Quatro cinco um
a revista dos livros

Produção

RÁDIO
NOVELO

Apoie o 451 MHz com o plano
Ouvinte Entusiasta. R\$ 20 por mês
quatrocinco.com.br

Ilustração de
Rafa Campos Rocha



Elif Batuman (1977, Nova Iorque) é escritora e jornalista. Escreve regularmente na revista *The New Yorker*. Publicou três livros, dois dos quais estão editados no Brasil: o romance *A Idiota* (finalista do Prêmio Pulitzer) e *Os Possessos – Aventuras com os livros russos e seus leitores*, que mistura autobiografia, crítica literária e crônica de viagens. O romance *Either/Or* ainda não tem edição em português.

Camila Chaves (1987, São Gonçalo) é escritora e argumentista, formada em Relações Públicas, especializada em Escrita e Criação e com um mestrado em Comunicação.

Hélia Correia (1949, Lisboa) é poeta, dramaturga e ficcionista, autora de romances como *Lillias Fraser* e *Adoecer*. A sua escrita para teatro tem privilegiado os clássicos gregos, destacando-se, por exemplo, *Desmesura – Exercício com Medeia*. É também autora de livros infanto-juvenis, como *A Chegada de Twainy*. *Acidentes* é o seu mais recente livro de poesia. Distinguida com diversos outros prêmios, recebeu em 2015 o Prêmio Camões pelo conjunto da sua obra.

Clara Drummond (1986, Rio de Janeiro) é jornalista e escritora. Vive atualmente em Lisboa, tendo publicado os romances *A festa é minha e eu choro se eu quiser*, *A realidade devia ser proibida* e *Os coadjuvantes*.

Orlando Figes (1959, Londres) é historiador, professor universitário e um dos maiores especialistas mundiais em História da Rússia. Autor de vários livros premiados, em português estão publicados *A Tragédia de Um Povo: A Revolução Russa, 1891-1924*; *Sussurros: A vida privada na Rússia de Estaline*; *Uma História Cultural da Rússia*; e *Crimeia*.

Reginaldo Pujol Filho (1980, Porto Alegre) é autor de quatro livros, entre os quais *Não, não é bem isso* e *Só faltou o título*. Doutorado em Escrita Criativa, tem narrativas publicadas nos EUA, em Portugal e em Espanha, e é curador da Coleção Gira, da editora Dublinense.

Masha Gessen (1967, Moscovo) é jornalista e activista. Trabalhou na Rússia mais de vinte anos e actualmente vive em Nova Iorque, colaborando com a revista *The New Yorker*. O seu livro *The Future is History: How totalitarianism reclaimed Russia* foi distinguido com o National Book Award em 2017. Em português estão publicados *Putin: A face oculta do novo czar*; *Palavras Quebrarão Cimento*; e *As Duas Babushkas: Como as minhas avós sobreviveram à guerra de Hitler e à paz de Estaline*.

Ana Matoso (1974, Lisboa) doutorou-se em Teoria da Literatura, com uma tese sobre Tolstói e Wittgenstein. É professora auxiliar convidada na Universidade Católica Portuguesa e investigadora do seu Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. É também tradutora literária (Eudora Welty, Rachel Cusk, George Steiner e Nadejda Mandelstam, entre outros).

Pepetela (1941, Benguela) participou da luta armada pela independência do seu país, entre 1969 e 1974, e foi vice-ministro da Educação de Angola (1975-1982). Escreveu 26 livros traduzidos em mais de vinte idiomas, entre os quais *Mayombe*, *A gloriosa família*, *A geração da utopia* e *O planalto e a estepe*. Ganhou duas vezes o Prêmio Nacional de Literatura de Angola e, em 1997, recebeu o Prêmio Camões.

José Pacheco Pereira (1949, Porto) é professor, historiador e colunista. Foi deputado à Assembleia da República e ao Parlamento Europeu. Publicou mais de uma dezena de livros sobre história e política. Colabora regularmente em vários meios de comunicação. Criou e mantém o Ephemera, o maior arquivo privado português.

António Pescada (1938, Paderne) é tradutor literário. Viveu em Moscovo, onde estudou língua e literatura russa. Recebeu o Grande Prémio de Tradução Literária em 1995, pela tradução de *Bela do Senhor*, de Albert Cohen, e novamente em 2018, pela tradução de *O Duplo*, de Dostoiévski, e de *O Arquipélago Gulag*, de Aleksandr Soljenítsin.

André Sant'Anna (1964, Belo Horizonte) é músico, escritor, dramaturgo e argumentista de cinema e televisão. Autor de oito livros, entre os quais *O paraíso é bem bacana* e *Discurso sobre a metástase*, está publicado em Portugal, Espanha, Itália e Alemanha.

Mauro Restiffe (1970, São José do Rio Pardo) é formado em Cinema e estudou Fotografia em Nova Iorque. Trabalha exclusivamente com fotografia analógica. Está representado em importantes colecções públicas, sobretudo no Brasil e EUA, realizou exposições individuais em prestigiadas instituições e em 2021 participou na Bienal de São Paulo.

Colin Thubron (1939, Londres) é autor de romances e livros de viagens. Foi incluído pelo *The Times* entre os 50 maiores escritores britânicos do pós-guerra. Colabora com o *The New York Times* e *The Times Literary Supplement*, entre outros. Presidiu à Royal Society of Literature.

Os seus livros foram traduzidos em mais de vinte línguas. Em português, estão publicados *A Sombra da Rota da Seda*; *Na Sibéria*; e *Até À Última Cidade*.

Tatiana Tolstaya (1951, São Petersburgo) é escritora e publicitária. Estudou Filologia Clássica e trabalhou numa editora moscovita. Viveu nos EUA, onde leccionou em várias universidades. É autora de romances, contos, ensaios e reportagens. No Brasil, está publicado o livro de contos *No degrau de ouro*.

Amor Towles (1964, Boston) é escritor. Formou-se nas universidades de Yale e Stanford. Publicou romances, contos e ensaios. Em português estão traduzidos *Um Gentleman em Moscovo* (finalista do Kirkus Prize) e *As Regras da Cortesia*.

Ludmila Ulitskaia (1943, Davliekánovo) é formada em Biologia, fez investigação em Genética e trabalhou no Teatro Hebraico de Moscovo. Escritora multipremiada, distinguida com o Prémio Simone de Beauvoir e, mais recentemente, com o Prémio Formentor das Letras, publicou contos, teatro e romances. Vários dos seus livros estão publicados em Portugal, como *Sónechka* (Prémio Médicis); no Brasil, saiu *Meninas*.

Mariana Viegas (1969, Lisboa) é fotógrafa. Colaborou com a revista *Kapa*, *Diário de Notícias*, *Público*, *Le Monde*, *Libération*, entre outros. Foi fotógrafa de cena em filmes de Pedro Costa, Margarida Gil, Manoel de Oliveira e João César Monteiro. Expôs em Portugal e no estrangeiro (Frankfurt, Nova Iorque, Paris, Rio de Janeiro, Berlim) e o seu trabalho está representado em colecções públicas e privadas.

A Granta foi
composta em caracteres
Plantin e impressa na Guide, Artes
Gráficas, em Arena Rough de 90 g e
X-Per Premium White de 120 g, em Junho de 2022.

